

Dia
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
<input checked="" type="checkbox"/>
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

ACTUALMENTE a apatia e indiferença tomaram o lugar da contestação estudantil dos anos 60. A universidade está em crise, como consequência de grave desequilíbrio que surgiu na sua base ética e cultural.

Esta crise da Universidade afecta toda a civilização, que sofre igualmente profundas contradições nas suas instituições e nos seus ideais mais elevados.

Esta preocupação tem levado a Roma universitários de todo o mundo para em comum tentarem estudar os problemas que afectam a Universidade. Foi o que aconteceu, uma vez mais este ano, no Encontro UNIV 86, que reuniu estudantes e professores de quase quatrocentas universidades, espalhadas por mais de quarenta países dos cinco continentes, para falar sobre os FUNDAMENTOS CULTURAIS DE UM PROJECTO PARA A PAZ.

Na audiência que lhes concedeu o Papa, em fins de Março, dizia-lhes:

«Sei que estes encontros, que reúnem anualmente vários milhares de estudantes e professores universitários, começam no longínquo 1968 — ano de ressonâncias especiais no mundo universitário — sob o impulso e a inspiração do Servo de Deus Josemaría Escrivá, fundador do Opus Dei. Movido pela sua solicitude sacerdotal pela gente jovem, desejava que acudissem a Roma junto ao sepulcro de S. Pedro, para confirmar nas suas almas a luz da fé católica e o amor à Igreja. Como todos os que vos precederam, não vindos, pois, pelo simples desejo de viajar — ainda que, certamente, teréis ocasião de admirar as monumentais belezas desta milenária cidade — mas com o objectivo explícito de aprofundar na perene novidade da mensa-

A Universidade e a paz

Por Almeida Lopes

gem cristã (...), a estreitar os laços de recíproco conhecimento e compreensão com jovens de outras latitudes (...) e a tirar conclusões operativas da investigação que realizastes ao longo do ano nos vossos países respectivos, sobre um tema interessante e comprometedor.

A Universidade portuguesa tem estado presente nesses encontros. Neste ano, para preparar o tema do Congresso, a Sociedade Lusitana de Cultura organizou, em colaboração com o Centro de Estudos Universitários de Lisboa e o Centro Cultural do Campo Grande, as Jornadas Universitárias UNIV-86 na Reitoria da Universidade de Lisboa e presididas pelo seu reitor, Prof. Dr. Toscano Filco, com elevada participação de muitos universitários e o patrocínio de todas as universidades do País.

No decorrer do Congresso em Roma foram apresentadas muitas comunicações. Da Universidade de Sorbonne veio um estudo sobre as relações entre o ambiente familiar e a formação universitária. Uma Universidade londrina analisou o contributo original da música como veículo de comunicação entre os jovens de todo o mundo.

Maria Bettelini, da Universidade de Milão falou do jornalismo estudantil e do papel que assume no estabelecer de contactos entre as várias faculdades em Itália e no estrangeiro, imprensa que deveria ser potenciada e subsidiada.

Da Universidade de Graz (Áustria) consideraram a liberdade natural do Homem junto com

o Direito, para que aquelas liberdades venham a ser exercidas num conjunto de relações pacíficas. Um universitário de Milwaukee (USA) falou de uma paz que não tenha o seu fundamento nas relações comerciais entre os Estados. Também o papel do escritor, como intérprete das tensões do Homem foi abordado por um universitário de Aquisgran (Alemanha).

Na sua comunicação ao UNIV86, Franco Falucci, ministro da Educação do Governo Italiano, apontava três pontos essenciais para a construção da paz: 1) a cooperação universitária para com os países em vias de desenvolvimento, 2) o contributo para o desenvolvimento autónomo da sociedade local e 3) um profícuo trabalho político e diplomático para resolver o contencioso entre o Norte e o Sul, o Este e o Oeste.

Na sua alocução aos congressistas João Paulo II diria que «os políticos, os sociólogos, os especialistas nas ciências humanas dão muitas respostas válidas e merecedoras de serem tidas em conta. Mas quero recordar-vos a resposta radical a este problema. A Igreja, depositária da revelação, ensina que a causa última de todos os desequilíbrios e violências é o pecado, que, enquanto diminuição do próprio homem, o impede de conseguir a própria plenitude. Na continuação falou da paz que os homens são capazes de construir por si sós, baseada em equilíbrios de força, compromissos humanos, que é imposta pelo poder das armas e se fundamenta no medo e na

desconfiança. E de uma outra paz, forte e duradoura, baseada na justiça, que nasce no coracão e que é fruto da ordem posta pelo fundador da Igreja na Sociedade Humana.

E, já quase no final, o Papa diria aos milhares de universitários presentes: «Sei muito bem que a Prelatura do Opus Dei dá a todos os seus membros, e a todos aqueles que se aproximam dos seus apóstolados, uma profunda formação cristã, favorecendo o exercício da liberdade e das responsabilidades pessoais nas escolhas temporais. Em tal formação uma importância fundamental está atribuída à oração e à frequência dos sacramentos, como requisito indispensável para viver com plenitude a vida cristã e ser, portanto, eficazes construtores da paz; com efeito só aos pacíficos é concedida a bem-aventurança de serem chamados filhos de Deus. Prossegui por este caminho e convidai os vossos amigos a fazerem pessoalmente a maravilhosa descoberta da proximidade de Deus no trabalho profissional e nas ocupações quotidianas».

Oxalá cada um dos universitários presentes, e todos os homens em geral, saibam construir a paz, antes de mais na própria vida, no dia-a-dia. Será um bom propósito neste Ano Internacional da Paz. Mas que paz? E é ainda o Papa quem vai responder: «A paz, segundo a clássica definição agostiniana é a tranquilidade na ordem, a tranquilidade que reina ali onde cada coisa está posta em conformidade com o recto ordenamento querido por Deus».

Universidade - Opinião